



APRESENTAÇÃO

Dossiê Intelectuais, movimentos políticos e protagonismo popular na América Latina do Tempo Presente.

Mariana Bruce, *Universidade Federal Fluminense*   

Alessandra Gonzalez Seixlack, *Universidade Católica do Rio de Janeiro*   

Rafael Pinheiro de Araujo, *Universidade Federal do Rio de Janeiro*   

Os nove artigos, acompanhados da resenha e da entrevista que compõem este dossiê, convergem na análise das tensões entre hegemonia e resistência na América Latina e Caribe, explorando como sujeitos marginalizados – camponeses, intelectuais no exílio, artistas e movimentos populares – disputam o sentido da democracia e da identidade. Em diálogo com o prisma da História do Tempo Presente, os autores que contribuíram investigam desde a insurgência epistêmica decolonial até o impacto das tecnologias digitais e das novas direitas na esfera pública. Dessa forma, o dossiê tem como foco a cultura política em sua vitalidade, na medida em que, por meio da literatura, da arte e da mobilização social, torna-se possível reinventar o futuro diante das crises e incertezas do presente.

Em uma análise pormenorizada dos artigos reunidos, é possível observarmos que os textos contemplaram um conjunto de experiências que têm desafiado a ordem hegemônica desejada pelos estadunidenses após o fim da Guerra Fria, com maior ou menor radicalidade. Nesse sentido, como é recorrente na história do continente americano, em razão das lutas de re-existência que marcaram a nossa trajetória, apontamos múltiplas possibilidades de se reinventar ou reescrever o nosso destino.

Como eixo central de condução dessa narrativa, presenciamos um protagonismo popular que sempre se refaz. Assim, reeditamos fórmulas para seguir semeando esperanças, seja no campo das ideias e das formulações ideológicas, seja do ponto de vista das experiências políticas propriamente ditas.

Com isso, sustentamos a América Latina como esse território de opressões seculares e desigualdades, mas também de possibilidades de pensar possíveis mundos outros. Como questiona a liderança charrúa Martín Delgado Cultelli,

¿Qué América Latina vamos a reivindicar? Una homogénea centrada en el criollismo hispanohablante (a lo sumo solo reconociendo a los lusos parlantes), cristiana y de caudillos jerárquicos masculinos o una América Latina plurinacional comunitaria diversa que reconoce no solo a los pueblos indígenas y afros, sino también a otros grupos europeos y asiáticos que también han construido este territorio, así como la infinidad de mundos otros y sensibilidades que han circulado y circula por estas tierras.

Em “Haiti, sujeito insurgente”, Emerson do Prado Oliveira reafirma o Haiti como um território fundamental de insurgência política e epistêmica na América Latina contemporânea. Sob a lente da decolonialidade, o texto confronta o “colonialismo humanitário” das intervenções internacionais e da ONU com a vigorosa resistência de intelectuais e movimentos populares haitianos. Ao destacar vozes como as de Michel-Rolph Trouillot e do Movimento Camponês de Papaye, a obra analisa as estratégias de desobediência epistêmica que lutam pela soberania nacional, o que permite vislumbrar o Haiti não como cenário de eterna crise, mas como protagonista na construção de novas possibilidades democráticas e decoloniais no Tempo Presente.

O artigo “Democracia e protagonismo popular na Revolução Bolivariana”, de autoria de Eduardo Scheidt, analisa a metamorfose da democracia na Venezuela bolivariana, focando nos conselhos comunais e nas comunas como ferramentas de protagonismo popular. O autor investiga como o chavismo buscou transcender o

modelo representativo liberal em direção ao "Socialismo do Século XXI", transformando a cultura política das classes trabalhadoras. A sua contribuição desvela as complexas tensões entre o apoio governamental e as iniciativas populares autônomas, além de discutir os impactos do governo de Nicolás Maduro e da crise econômica sobre esses espaços de poder direto.

Em "O velho está morrendo e o novo não pode nascer", Maria Sarah Nascimento Brito investiga a crise simbólica e epistemológica da esquerda contemporânea na América Latina, utilizando o conceito de "interregno" de Gramsci e as provocações de Vladimir Safatle. A pesquisa destaca a figura de Julio Cortázar como modelo de intelectual engajado que conseguiu conciliar a liberdade estética radical com o compromisso político, sem sucumbir a dogmatismos. Na análise da trajetória do autor, o texto discute a urgência de uma nova imaginação política capaz de romper com a estagnação atual e reinventar o presente por meio da arte, servindo como base para pesquisadores interessados no papel da cultura e dos intelectuais na disputa por uma nova hegemonia cultural em tempos de incerteza.

"Narrativa uterina en la literatura contemporánea afrocaribeña y afrolatinoamericana", escrito por Yair André Cuenú Mosquera, introduz o conceito inovador de "Narrativa Uterina" como um paradigma de criação e análise literária na literatura afro-caribenha e afrolatino-americana contemporânea. A pesquisa debruça-se sobre a trajetória intelectual de Mayra Santos-Febres, problematizando como as memórias de sua infância e adolescência, permeadas por influências femininas tanto familiares quanto acadêmicas, moldaram a sua produção. A partir de um diálogo entre a história intelectual e a autoetnografia, o artigo revela como a escrita se torna um espaço de resistência e de reconstrução identitária, constituindo uma pesquisa inovadora para quem deseja compreender as novas metodologias de análise literária que integram vida, corpo e ancestralidade no fazer ficcional caribenho.

"Não sou um latino de Manhattan, mas um cubano de Havana", escrito por Ualisson Pereira Freitas, desdobra criticamente a trajetória da *Mariel* - Revista de

Literatura y Arte, publicação fundamental coordenada por intelectuais cubanos no exílio entre 1983 e 1985. Por meio dos conceitos de intelectualidade e americanismo, o autor investiga como a revista se tornou uma arena estética e ideológica para redefinir as percepções sobre o êxodo de Mariel e criticar o governo castrista. A pesquisa evidencia que as páginas do periódico extrapolam a simples contestação política, construindo, assim, um espaço de resistência e disputa de múltiplas alteridades em solo estadunidense.

Gisele Pinheiro da Cunha, em “Os dilemas e incertezas do personagem Mario Conde na obra ‘Pessoas Decentes’ de Leonardo Padura”, analisa os dilemas e as incertezas do icônico personagem Mario Conde no romance “Pessoas Decentes” (2023), de Leonardo Padura, sob a ótica do regime de historicidade presentista. Ambientada na Havana de 2016 – marcada pela visita de Obama e pelo show dos Rolling Stones –, a trama policial serve de pano de fundo para reflexões profundas sobre a solidão, a memória e a crise das expectativas em relação ao futuro de Cuba. Por meio dos conceitos de François Hartog e Henry Rousso, o texto explora como a narrativa literária captura a sensação de um tempo estagnado e a permanência de feridas do passado.

“Notas sobre as ‘Novas Direitas’”, de autoria de Ricardo Antonio Souza Mendes, propõe uma reflexão crítica e necessária sobre o conceito de “Novas Direitas”, termo que tem dominado as análises políticas e midiáticas contemporâneas. O autor investiga as distinções entre as velhas estruturas conservadoras e os novos atores, partidos e movimentos que emergem no século XXI, destacando como as estratégias culturais e digitais redefiniram o embate político com as esquerdas. Seguindo um mapeamento teórico e histórico, o texto desvela as nuances que caracterizam esse fenômeno na América Latina, oferecendo ferramentas para compreender as transformações na democracia atual e decifrar as complexas dinâmicas de poder e as novas formas de mobilização política à direita no cenário global.

“Redes digitais de militância transnacional”, de Tiago Negrão Andrade, examina a profunda reconfiguração das mobilizações políticas na América Latina pós-2010, explorando como as plataformas digitais se tornaram arenas cruciais de disputa simbólica e resistência. Por meio de casos como o *estallido social* chileno, o *paro nacional* colombiano e o movimento #EleNão no Brasil, o estudo investiga os novos repertórios de ação coletiva e as tensões da tecnopolítica contemporânea. A pesquisa expõe as ambivalências do ativismo digital, confrontando a ampliação da visibilidade das lutas com os desafios impostos por algoritmos extrativistas e pela desinformação.

Mirna Aragão de Medeiros, em “Entre palcos e leis”, analisa o protagonismo de artistas e dramaturgos brasileiros no processo de profissionalização do teatro entre o final do século XIX e as primeiras décadas do XX. Sob a ótica do conceito de “intelectual orgânico” de Gramsci, a autora investiga como esses sujeitos atuaram na construção de um projeto cultural nacional e na institucionalização do campo artístico. O texto destaca marcos fundamentais, como a criação da SBAT e a promulgação da “Lei Getúlio Vargas” (1928), revelando as lutas por direitos autorais e pelo reconhecimento do artista como trabalhador.

Na resenha “Lélia Gonzalez: interpretando o Brasil a partir dos seus festejos populares”, Taynara Aparecida Ferreira da Silva discute a obra “Festas populares no Brasil”, da intelectual amefricana Lélia Gonzalez, reafirmando as manifestações culturais como espaços de resistência e memória. A autora da resenha destaca como Gonzalez rompe com visões folclorizantes para posicionar as presenças negra e indígena no centro da formação da identidade nacional. Ao analisar celebrações como o carnaval e as festas religiosas, o texto demarca a dimensão política do lazer e a crítica contundente ao mito da democracia racial.

Por fim, esta edição apresenta, ainda, uma entrevista inédita com Hugo Blanco Galdos, realizada em agosto de 2016, pelo professor Vanderlei Vazelesk Ribeiro (UNIRIO), na residência de Blanco, em Lima. Falecido em 2023, Blanco é um dos revolucionários mais icônicos da América Latina, e esta publicação presta-lhe

homenagem ao revelar dimensões humanas e éticas de uma trajetória marcada pela práxis. O diálogo percorre desde a sua infância, em Cusco, e o despertar da consciência política até a sua atuação radical na reforma agrária em La Convención e suas experiências no exílio. Entre relatos de perseguições e passagens curiosas que desafiam a imagem do militante austero, Blanco demonstra como a sua identidade superou rótulos ideológicos para se fundir à luta indígena e socioambiental, reafirmando o saber ancestral e o idioma quéchua como horizontes de resistência ao extrativismo e ao capitalismo.

Os textos que compõem o dossiê não apenas documentam as crises vividas na América Latina Contemporânea, mas celebram a sua capacidade de gestar alternativas diante dos desafios no Tempo Presente. Esperamos que cada artigo, resenha e entrevista, aqui, presente colabore para a compreensão das complexidades do nosso tempo e inspirem novas formas de pensar e agir sobre a intrincada dinâmica e, muitas vezes, instável realidade latino-americana.

Em tempos de nebulosos eventos em nossas sociedades, nos quais os extremismos teimam em se fortalecer, acreditamos que retomar a trajetória histórica das lutas dos povos americanos, bem como a nossa contínua resistência física e cultural aos grupos dominantes, consiste em uma forma de demonstrarmos o papel da História enquanto um dos instrumentos a serem empunhados por aqueles que, parafraseando o título do livro do filósofo sloveno Slavoj Žižek, não desejam “o deserto do real”.

Boa leitura!